



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

CONHECEM O RUI?...

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

QUE embirrento é o Rui!... Tem doze anos. Passou agora para o terceiro ano do liceu. Mas tem tão pouco juízo, é tão teimoso e implicante, que às vezes até apetece chegar-lhe com toda a alma. Os condiscipulos não gostam d'êlo, porque está constantemente a troça-los e a embirrar com tudo o que façam ou digam.

Este ano os pais levaram-no para a praia. Junto à sua barraca fica a dum antigo companheiro do liceu, o António Zé. Os dois rapazes acamradaram imediatamente, tanto mais que o António Zé tem uma bela bicicleta, oferta de seus pais em dia de anos. E o Rui adora passear em bicicleta.

Aos primeiros dias, o Rui esqueceu-se de que era embirrento. E nem o António Zé, nem o seu irmão mais velho — o Daniel, estudante de Direito — tiveram razão de queixa d'êlo. Mas aquêles bons propósitos não podiam durar muito. E o Rui, apenas ganhou confiança, começou novamente a mostrar-se tal qual era.

Num dêstes dias mais quentes, o irmão do António Zé, estava sentado na barraca, a suar, a suar e a certa altura exclamou:

— «Que calor horrível!... Nem à sombra se está bem!...»

Logo o Rui, nos lábios o tal sorrizinho embirrento, disse:

— «Não acho!... Pelo contrário, está até fresquinho!... Pois se eu já pensei em vestir o meu pull-over!...»

O outro tomou aquilo como brincadeira e continuou:

— «Não era má ideia, não!... Mas agora a sério: Quem havia de dizer que hoje estaria tão quente depois da noite de ontem!... Hein!... Que frio estava!... À saída do cinema senti saudades do meu sobretudo de inverno!...»

— «Ora, ora!... — disse o Rui, com o mesmo sorrizinho — não sou da sua opinião!... Qual frio, nem meio frio!... Estava tanto calor que eu fui à pastelaria tomar um sorvete!...»

Nesta altura, o Daniel já não achou muita graça.

— «Ai o petiz que está a mangar comigo — disse êle para consigo — Mas se assim é, meto-o na ordem!...»

Aquilo passou. Mas daí a pouco, Daniel, ao vêr aparecer uma senhora muito magrinha, comentou, a rir:

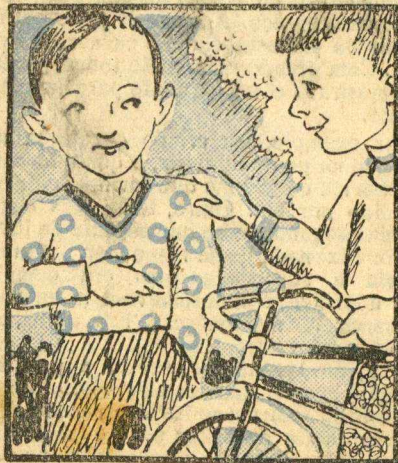
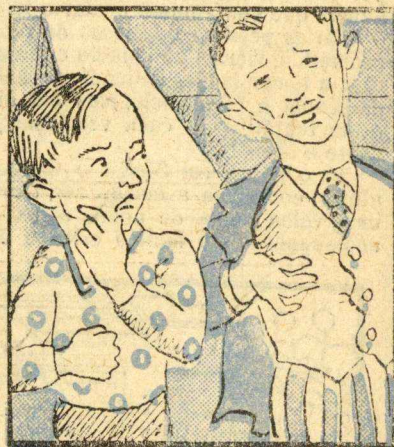
— «Aquela é que não deve sofrer muito com o calor!... Tão magrinha!... Só pele e ôsso!...»

— «Não diga isso — acudiu o Rui — É até bem proporcionada!... Não lhe chamarei gorda, mas, se repararmos bem, poderemos chamar-lhe gorduchinha!...»

Daniel, ao ouvir isto, esteve tentado a levantar-se e pregar duas valentes bofetadas no Rui. Mas reconsiderou e resolveu ensiná-lo doutra forma:

— «Vou ser tão embirrento como êle, para o castigar. Talvez assim se emende...»

Calou-se muito caladinho. E nessa noite, no Casino, começou o castigo. Quando Daniel chegou, já o Rui lá estava.



(C o n t i n u a n a p á g i n a 3)

A Princesa mal educada

Por MARIA DOS MILAGRES

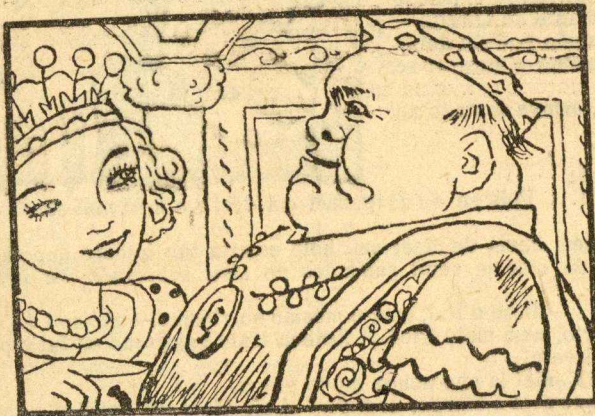
O rei Simão I, o Gordo, tinha um grande desgosto:—sua filha, a formosa princesa Luisa, era a menina mais malcriada e impertinente que se possa imaginar e ninguém a estimava no país, o que afligia muito o pobre soberano.

Não havia maneira de emendar a princesa, pois ela ria-se dos bons conselhos e não se importava com as súplicas do pai. A única maneira de corrigir do seu péssimo defeito, seria, muito simplesmente, castigá-la, mas ninguém pensava nisso, pois o rei não estava habituado a contrariar a filha e preferia chorar e lastimar-se dias inteiros a repreender a princesa.

Quando chegou à idade de escolher noivo, a princesa Luisa teve que fazer a sua escolha entre muitos príncipes estrangeiros que vieram ao palácio pedi-la, mas foi tão inconveniente e indelicada para todos, que os pretendentes se retiraram, aterrados com a ideia de que poderiam ter que aturar uma mulher tão insuportável. Via, então, o infeliz rei Simão, que sua filha ficaria solteira toda a vida e o trono sem herdeiro, o que o levou a mandar apregoar, por todo o país, que daria um valioso prêmio àquela ou àquela que conseguisse mudar o feio da princesa.

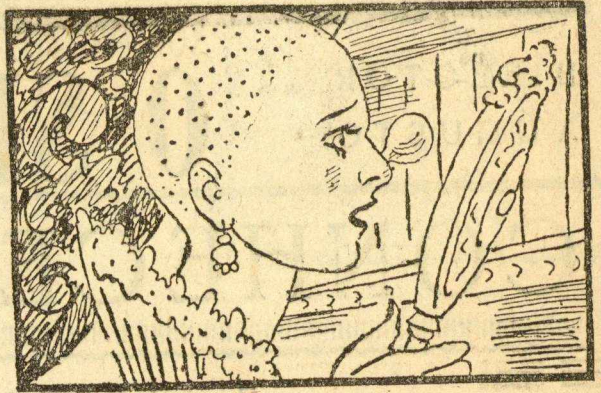
Várias pessoas, desejosas de receberem a recompensa prometida, vieram ao palácio e tentaram convencer a princesa a tomar modos delicados, usando para isso de toda a paciência e eloquência, mas ela divertia-se imenso com estas tentativas e cada vez fazia pior, obrigando toda a gente a desistir.

Já o pobre rei Simão, o Gordo, de tanto se ralar e afligir, começava a emagrecer, quando chegou ao palácio uma velha dama de nobre aspecto, ricamente vestida e acompanhada de muitos criados e criadas. Pediu para



falar ao rei e este recebeu-a logo, julgando tratar-se de mais uma concorrente ao prêmio oferecido. Enganou-se, porém, pois a velha senhora queria apenas pedir-lhe que lhe desse licença de habitar no palácio uns dias, até que a sua comitiva se encontrasse descansada e pronta para continuar a viagem. O rei Simão, que era muito amável e atencioso e estava, além disso, conquistado pelos bons modos e nobre fisionomia da velha senhora, tinha muitíssimos desejos de satisfazer esta, mas, receando as incorrecções da princesa Luisa, não sabia que partido tomar, sentindo-se deveras aflito. Qual não foi o seu espanto, ao ver entrar a filha, que, depois de ter cumprimentado a visitante com delicadeza, se virava para ele e dizia, com o melhor dos seus sorrisos:

— «Com certeza, tanto o meu querido pai como eu, te-



remos o maior prazer em hospedar tão nobre senhora e desde já lhe dizemos que este palácio se encontra ao seu dispor e do seu séquito.»

Se o rei Simão tivesse visto, de repente, as paredes do palácio desmoronarem-se à sua volta, não ficaria tão espantado como ficou ao ouvir estas palavras saírem da boca de sua filha. Não acreditava que isto fosse possível, mas era-o realmente, pois a princesa Luisa começou logo a dar as suas ordens e, em menos de um instante, a instalação da nobre hóspeda estava feita.

Ora, a verdadeira e única razão desta mudança era a seguinte: a princesa tinha estado a espreitar por uma fresta a comitiva que acompanhava a dama e descobrira uma coisa que muito a divertira e que era verdadeiramente extraordinária! Compunha-se esta comitiva de homens e mulheres de todas as idades, ricamente vestidos, mas tendo cada um qualquer defeito físico ou aleijão. Para o feio trocista da princesa, este facto era agradabilíssimo, pois tinha ali bastantes vítimas em que exercer as suas gracinhas e motejos. Foi isto que a levou a proceder da maneira que tanto admirou o pai, que muito longe estava de desconfiar a verdade.

Nas primeiras horas, passou-se tudo muito bem, pois a princesa portou-se com delicadeza mas, quando o rei e a corte já a julgavam curada, começou ela a fazer das suas. A velha dama tinha mostrado vontade de ser servida pelos seus criados e isto muito alegrou a má princesa Luisa, que se fartava de rir quando os pobres servos apareciam nas salas ostentando a sua desgraça. A-pesar-de ver o pai fazer-lhe muitos sinais de protesto, ela não parava de rir e troçar dos infelizes. Com grande espanto de todos, porém, a senhora não se mostrava ofendida e até parecia achar muita graça ao facto.

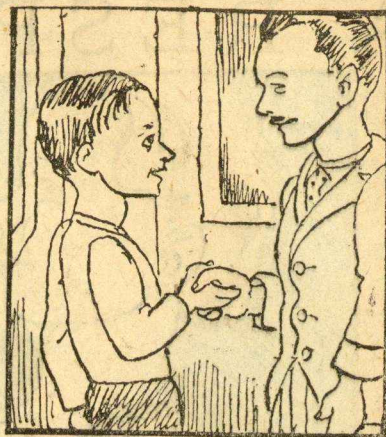
Quando via, por exemplo, um criado que tinha um grande lobinho mesmo na ponta do nariz, o que o tornava muito feio, a princesa ria e dizia-lhe que tomasse cuidado para não ser mordido por ele. Outro, tinha seis dedos numa das mãos e ela perguntava-lhe que espécie de luvas usava, ao que o infeliz nada podia responder. Até uma velha criada sofria a sua troça, pois era completamente careca e a princesa aconselhava-a a untar-se com azeite para servir de mata-moscas. Era, enfim, um nunca acabar de risota para a trocista.

Ora, uma manhã, ao levantar-se, sentiu a princesa muito frio na cabeça e horrorizada ficou quando, ao ver-se ao espelho, se encontrou sem um único dos seus bonitos cabelos loiros! Nem queria acreditar nisto e foi preciso que as criadas a convencessem de que estava calva, na ver-

CONHECEM O RUI?...

(Continuado da página 1)

Apenas o viu, êste avançou de mão estendida:
— «Como está, desde há pouco?»
E Daniel respondeu, imitando o sorrizinho de Rui:
— «Desde há pouco, não. Desde há seguramente quatro horas...»
O Rui olhou-o desconfiado e nada acrescentou.
Dirigiram-se, em seguida, para a sala do cinema. Instalaram-se e pouco depois começava a sessão. Exibia-se, primeiro, um documentário. Em dado momento surgia no écran a figura de um fakir com grande cabeleira. Rui disse, então:
— «Que homem exquisito!... Apetece mandar-lhe uma tesoura com a indicação: — «Para cortar as répas!...»
E o Daniel respondeu:
— «O quê? O que tem o homem de extraordinário? A cabeleira é normal e o penteado fica-lhe lindamente!...»
E o sorriso-cópia do do Rui, brincava-lhe nos lábios.
O Rui sorriu também, mas constrangido.
A fita seguinte era desempenhada por Greta Garbo.
Rui, ao chegar ao intervalo, entusiasmado, não pôde conter-se:
— «Formidável! — exclamou — Esta mulher é colossal!... É genial!...»
Daniel deitou logo um balde de água fria sobre aquêlê entusiasmo:
— «Ih!... O que aí vai!... A Greta Garbo é uma atrizita como as outras!... Nem melhor nem pior!...»
Então Rui não pôde mais:
— «Caspité!... Mas que tem você hoje? Não parece o mesmo!... Sempre a contradizer-me, a enervar-me!...»
— «Ah! não gosta, Rui? Pois fique sabendo que também os outros se enervam e se irritam quando você os contradiz ou troça!... O que eu tenho feito esta noite é mostrar-lhe como é aborrecido para a outra gente as maneiras e palavras embirrentas que você costuma usar.»
E estendendo-lhe a mão, acrescentou:
— «Desculpe e sejamos amigos!... Convenço-me de que não tornará a implicar com pessoa alguma.»
Rui imediatamente lhe apertou a mão com força e respondeu:
— «Não. Garanto-lhe que não. Fez você muito bem em querer dar-me esta lição prática. Acredite que lhe estou muito reconhecido e nunca mais voltarei a ser o mesmo Rui, malcriado e embirrativo!...»



O SONHO DA COSTUREIRINHA

ORIGINAL DA MENINA MARIA ALBERTINA DO CARMO

2.º Prémio no Concurso Infantil organizado pela E. N.

Agulha na mão,
Ao pescoço a linha,
A fazer serão
A costureirinha...

Enquanto trabalham
Suas mãos ligeiras,
Na mente baralham
Mil e uma ideas.

Boquita a sorrir,
Não pensa no mal,
Enquanto trabalha
No seu enxoval.

Meia noite deu...
E' noite cerrada...
Ela adormeceu
Bastante cansada!

Teve um sonho lindo
A costureirinha:
— Com prazer infindo
Se via Rainha...

Num lindo Palácio,
Só ela mandava,
E agora, que bom,
Já não trabalhava.

No trôno sentada
A costureirinha,
A corôa doirada
Já na cabecinha...

Vestidos bordados
A oiro e brilhantes,
Aneis marchetados
De bons diamantes...

A' mesa sentada
Só bolos comia;
Em taça doirada
Licores bebia...

Mas, nisto, acordou
A costureirinha;
O sonho acabou
Não mais foi Rainha!

.....
A's vezes sonhamos
Venturas sem par
Mas logo acordamos...
E vai tudo ao ar!

F I M

dade. Ninguém compreendia a causa dêste fenómeno e muitos médicos e sábios vieram, mas nenhum soube explicar a súbita calvice da princesa. Os dias foram passando e o cabelo não crescia, o que a obrigava a andar com uma touca para evitar as mordeduras dos mosquitos e mdsas.

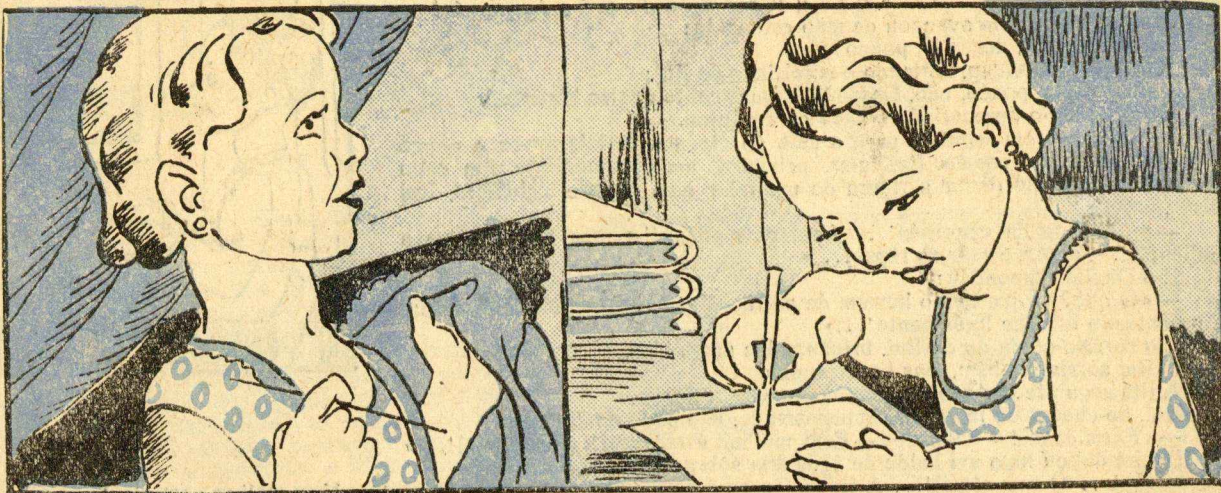
Doutra vez, quando se levantou, sentiu ela uma impressão no nariz e, ao ver-se ao espelho, deu com um enorme lobinho mesmo na ponta do seu tão delicado apêndice nasal, o que a tornava horrorosa. A princesa chorou e barafustou, vieram novamente os sábios e doutores, mas nada fizeram e o lobinho continuou no nariz da princesa.

Ainda uma outra manhã, também ao erguer-se do leito, via a nossa princesa um dedo a mais na sua formosa e delicada mãozinha! Era demais para a pobre Luisa. Quiz matar-se, atirando-se da janela abaixo, e tôda a côrte a lamentou, pois era, na verdade, muito desgraçada a pobre princezinha.

Foi tal o seu desgosto, que a illustre hospeda, muito comovida, lhe disse que fizesse uma promessa ao Senhor, jurando que faria qualquer sacrifício grande se pudesse

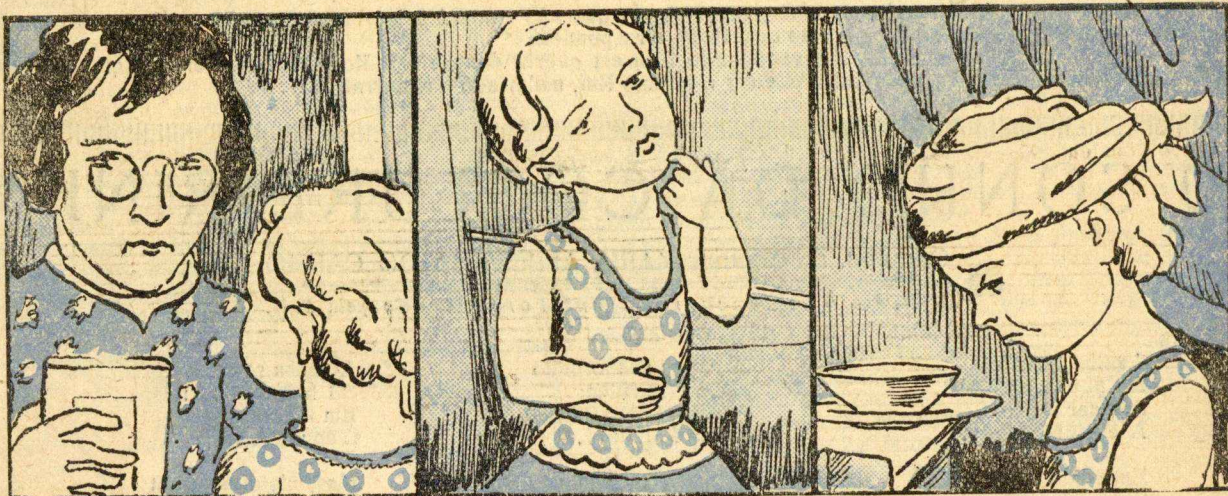
(Continua na página 7)

A RESPOSTA DA ZECA



A Zeca, boa menina,
é muito bem educada,
um quási nada traquina,
porém desembaraçada!

É sua grande ambição
entrar p'rá escola; aprender,
pois quer' ter grande instrução
quando chegar a mulher.



Há dias, muito estarola,
à professora foi expor
seu desejo: entrar p'rá escola.
— «Que idade tens, meu amor?»

Quantos anos, minha linda?
Preguntou a professora.
— «Eu tenho cinco, senhora.»
— «E's muito novinha ainda!»

— «Sete, eu podia contar
(Diz a Zeca, vivamente),
Se não estivesse — que azar —
dois anos muito doente!

ORGULHO e VINGANÇA POR MILAU

— «**O** minha mãe, dizia
a Maria Amélia
entrando em casa;
venho muito arre-
liada com a Iza-
belinha.»

— «Qual Iza-
belinha? A menina

do primeiro andar?»

— «Essa mesma. Quando a minha
mãe me deu licença para ir brincar
para o jardim ali defronte, eu fui logo
e levei a minha boneca.»

Andava a passear e encontrei a Iza-
belinha, que tinha ido para lá com a
criada, e também levava uma boneca.

Então disse-lhe: — «Se a menina qui-
zer, vamos brincar juntas e as nossas
bonecas também brincam.» Ela olhou
para a minha boneca e respondeu-me:

— «Estás pateta com certeza! A
minha boneca, tôda vestida de sêda,
havia de brincar com essa pobretona?»

— «Mas ela não está suja nem rôta.»

— «Ora! Tem fato de chita e nem
sequer tem chapéu como a minha.»

— «Eu, já se sabe, fiquei indignada.
— «O menina quem fez o fato da sua?»
— «Eu sei lá quem foi! Sempre tens
idéas... O meu papá comprou, ontem,
esta boneca assim vestida, com cha-
péu e tudo.»

— «Pois eu já tenho a minha há três
anos. Deu-me uma menina que além
de rica, é muito boazinha; quem faz
os fatos da minha boneca, sou eu.»

— «Tu?! (Disse ela, admirada.) Tu
sabes fazer os vestidos?»

— «Pois sei. Vejo a minha mãe fazer

A GULA é feio VICIO

POR DEOLINDA MOREIRA

2.º Prémio do Concurso

DANIEL era um bom menino, estudioso e obediente. Seus pais adoravam-o. Por isso, todos os dias feriados, consentiam que com ele fossem brincar alguns meninos da vizinhança, seus amiguinhos.

Entre eles, ia o Chico, o mais turbulento. Logo que chegava, corria todos os cantos da casa, mexendo em tudo, e tudo desarrumando dos seus lugares.

Havia na casa uma primita do Daniel, a Leninha, que tinha a sua casa das bonecas muito bem arrumadinha; mas logo elle punha tudo em reboição, a pretexto de que sabia melhor do que ella onde devia ficar o piano, ou a mesa da sala, etc. A pequenita acabava por ficar muito chorosa ao vêr as suas «pequeninas» maltratadas, e lambadas por terra como se um bando de malfeitores tivesse assaltado a sua casinha, ainda há pouco tão sossegada.

A senhora D. Maria, mãe do Daniel, à hora do lanche, punha sempre, numa mesinha do jardim, pratos com pão, queijo e molhos, para que todos comessem. O Chico era o mais glutão, mas, não contente em comer por três, quando via a criada retirar os pratos com um pequeno resto de molhos que elle, por vergonha, não levava até ao fim, os seus olhos seguiam-na, cobiosos, na ância de saber onde ficava a despensa. Conseguiu-o, um dia, sem custo, pois ficava no corredor, perto da porta do jardim.

Dali a dias, o Daniel completava os seus dez anos. Claro está que, como bom menino e muito querido por todos, recebeu muitas prendas e fizeram-se muitos doces para o jantar, para o qual foram convidadas todos os seus amiguinhos, não esquecendo o glutão do Chico, que, na véspera, já nem dormira, saboreando, antecipadamente, a quantidade de doces que havia de comer.

Mãe, porém, um ditado que diz: «O homem

meus e, depois, com os restos da comida — (os que não fazem falta) — dá ao Chico os da minha bonèquinha.»

E a Maria Amélia interrompeu a narrativa para perguntar à mãe:

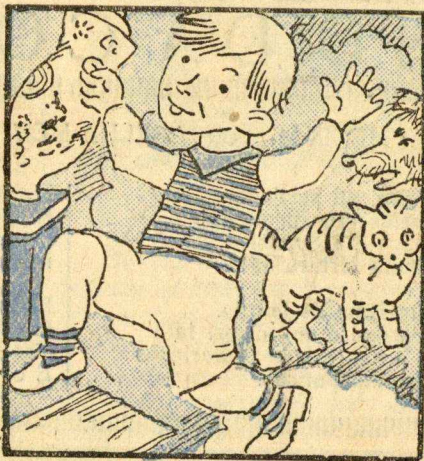
«Pois não é verdade, minha mãe, que os fatos feitos por mim valem mais para a minha boneca, que se eu os fôsse comprar, mesmo de seda e de ouro? Trabalho neles com tanto gosto! E os pontos estão bem feitos, não quer ver?»

«Tens razão, filha; o trabalho vale muito e mais ainda quando é perfeito.»

«Veja a mãe que pateta é a Leninha. Pateta e orgulhosa! Eu es-

põe e Deus dispõe», ditado que os meninos certamente conhecem.

Foi o caso que o Chico, ao lembrar-se da pândega rasgada que teria naquela tarde, tanto saltou, tais tropelias fez — (entre as quais se contam um lindo jarrão chinês feito em pedaços e um «galo» na cabeça da criada, não falando na patinha do Farrusco maguada com uma pisadela e um olho do fiel cão S. Bernardo quasi esborrachado, a quem elle desafiou ao box) — que seu pai, cujo desgosto era enorme pelos defeitos do filho, achou melhor castigá-lo de outra forma que não à pancada. Resolveu, portanto, não lhe dar licença para ir ao jantar do Daniel, a-pesar dos pedidos dèste e da familia.



Mas o Chico que faz? Esperou que seus pais estivessem entretidos e logo que pôde, fingiu ir deitar-se e, muito de mansinho, safu de casa, saltando o muro que separava o seu jardim do do seu amiguinho.

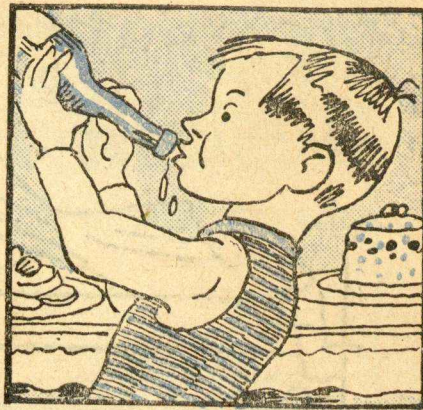
As crianças já estavam na sala, cantando e dançando. As suas risadas alegres estrelavam como pedacinhos de cristal, atirados pelos anjos, lá das alturas. As criadas, na cozinha, jantavam alegremente,

e prometo emendar-me dèstes defeitos.»

«Não! A minha pobretona não quer brincar com a sua fidalguinha!»

«Fizeste mal, minha filha. A vingança, é uma coisa muito feia. Podias fazer compreender à Izabelinha todo o valor do teu trabalho, mas não devias depois recusar-te a brincar com ella. Chamas-lhe orgulhosa mas afinal, tu, não fôste menos orgulhosa do que ella.»

«Tem razão, minha mãe; sinto que fui má, mas estou muito arrependida



depois da faina de servir à mesa e atender os pequeninos convidados; tudo era alegria em casa do pequeno Daniel. O Chico, no jardim, via e ouvia sem que alguém sonhasse, sequer, a sua presença.

«Porque hão-de estar todos contentes com a barriga cheia de doces e eu não?» disse elle com os seus botões. E, com precaução, pé aqui, pé além, nos biquinhos dos pés, avançou para a entrada do corredor, empurrando a porta de mansinho. — «Que alegria! As criadas esqueceram-se de fechar a despensa.» O Chico espreitou. «Que belos doces! E aquele lindo pudim gelado enfeitado a groselhas cristalizadas, quasi intacto!... Que quantidade tinha sobrado; e elle, elle que tanto gostava de guloseimas, não provara cousa alguma! Nada; não podia ser, não ficaria assim!» E avançou dando estalinhos com a língua, saboreando, de antemão, tão bons petiscos. Uma vez dentro do campo... das doçuras, ó céus! Aquilo é que foi faltar! Comeu, comeu até não poder mais. Depois, viu uma garrafa com licôr e bebeu, também, até ficar meio tonto.

Entretanto, uma das criadas, passando no corredor por acaso, notou que se esquecera de fechar a porta; e reparou o seu descuido, ficando o Chico prisioneiro. Como estava atordoado, não deu logo conta, chegando a esquecer-se do sifio onde se encontrava. Resultado: tudo recolheu a suas casas e os da casa aos seus

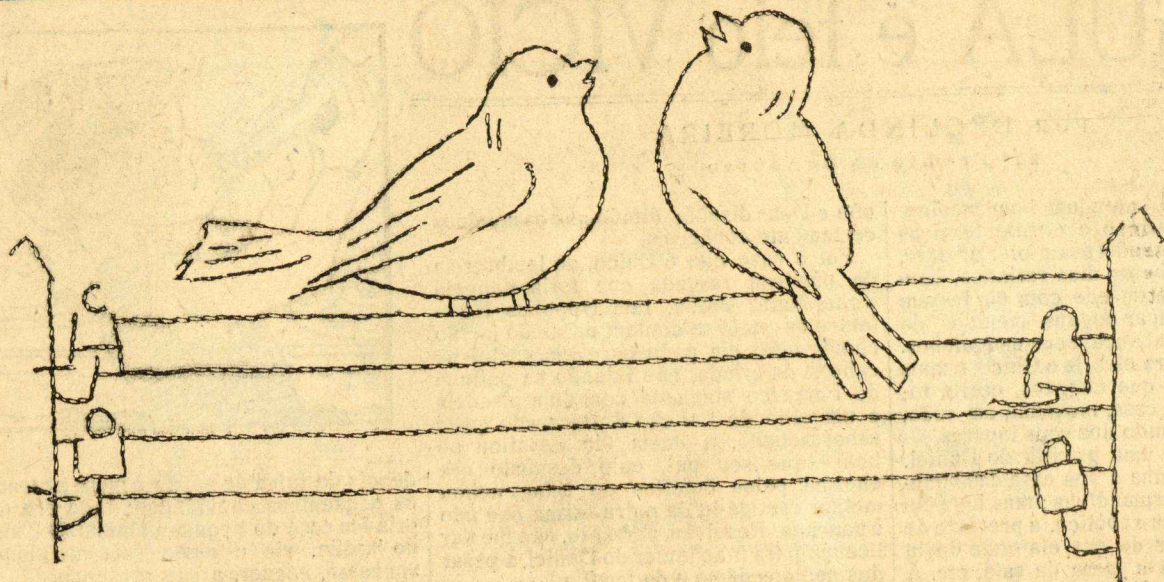
«Não sejam orgulhosos, nem vingativos!»

Tenho a certeza de que a Maria Amélia não tornará, por este motivo, a desgostar a mãe.

E já agora um conselho a todos os meninos, ricos ou pobres:

«Não sejam orgulhosos, nem vingativos!»





O CESTINHO DA COSTURA

/// SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA-MESTRA ///

Canta, canta o pardalinho
Mais a linda companheira
Sempre alegres! Para eles
A vida é doce canseira!

Céu azul, sol, lindas flôres,
Sempre em festa o ambiente!
Que os torna o par mais feliz
Gorgeando eternamente!

E na eira, ali pertinho,
Que belos grãosinhos há!
Generoso é o Senhor
Que tanta fartura dá!

Dão-lhe fama de ladrão,
Mas porque é que dizem tal?
Como é que outros passarinhos
Se alimentam afinal?

E', portanto, fama injusta.
E agora vamos pensar
Com que côres mais bonitas
Havemos nós de os bordar.

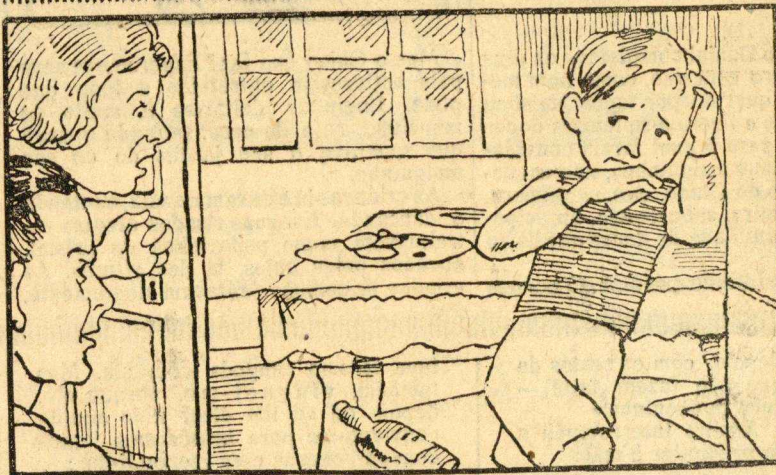
Estes fios do telégrafo
Onde o par, dá graça vê-lo!
Vamos bordá-los a preto
E os pardais em amarelo.

quartos, e só pela madrugada o Chico se lembrou de tudo o que fizera; e ao vê-se impossibilitado de sair, sem saber como havia de se livrar da rascada sem que se soubesse (o que seria uma vergonha) pôs-se a chorar. Para mais, os ratos, em correrias, vinham roçar-se por êle que, horrorizado, se encolhia todo a um canto.

De manhã, quando se dispunham a despertá-lo para ir para a escola e o não encontraram, foi um alvoroço. Procuraram por tôda a casa, foram a casa dos vizinhos e os pobres pais não sabiam mais onde desencantá-lo. Aos ouvidos do Chico chegou, sobrepondo-se a todas, uma voz que lhe penetrou no coração. Era a de sua mãe chorando, aflita, pedindo que lhe procurassem o seu filho.

Ele, então, esqueceu tudo, e, dando sapatos na porta, gritou com tôdas as suas forças: — «mamã, mamã, estou aqui!»

Calcule-se o espanto de todos. Vizinhos, pais e criadas, vendo sair da despensa aquele menino com aspecto de doente, mal se podendo agüentar



nas pernas; porém, olhando a devastação na doçaria, compreenderam tudo.

E o Chico jurou não fazer outra.

A vergonha porque passou e o desgosto de seus pais, gravaram-se-lhe no coração e ficaram-lhe para sempre na memória.

UMA ANEDOTA DO ANDRÉ

Uma vez, André, cheio de dores, foi a um dentista.

Tirou o dente e, à saída do consultório, encontrou um amigo que lhe pergunta:

- Então, ainda te dói o dente?
- Sei lá se dói!
- Não sabes? Essa é boa!...
- Como é que hei de saber? O dente ficou lá no dentista...

REFERÊNCIA AUXILIAR

Ergue-se este castelo numa ridente vila do distrito de Leiria. Alguns dos nossos melhores críticos de Arte cognominaram-a «A Vila Museu». Juntamente com as muralhas é o único «especimen» de fortificação completa do século X, existente no Globo.

Anteriormente à sua construção, foi a vila tomada de assalto por D. Afonso Henriques, em 11 de Janeiro de 1148, depois de conquistadas Santarém e Lisboa, sendo, então, já fortificada.

O castelo existente foi fundado por el-rei D. Diniz sobre um grande rochedo, tendo este rei alargado e feito prosperar, também, muito a vila.

Tem vários torreões e uma torre de menagem donde se disfruta um magnífico panorama.

Durante as guerras entre Portugal e Espanha, no século XIV, D. Fernando, em 1379, mandou fazer muralhas e reformar as existentes, as quais, sendo torreadas, rodeiam toda a vila.

A rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irmã de D. Manuel I, residiu durante algum tempo numas casas, junto ao castelo.

A PRINCESA MAL EDUCADA

(Continuação da página 3)

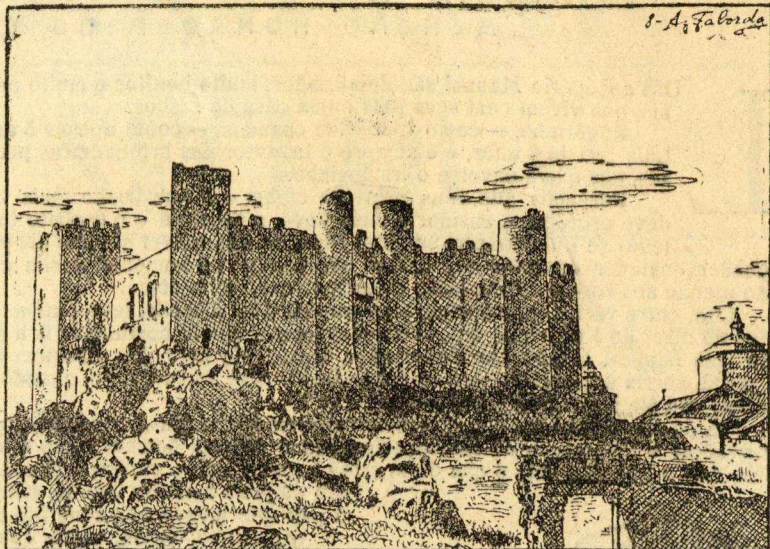
voltar a ser o que era. Então, Luisa ajoelhou e prometeu, solenemente, não tornar a ser trocista nem malcriada com ninguém, e assim fez.

Os dias foram passando, até que uma manhã a princesa, ao levantar-se, sentiu que os cabelos lhe começavam a crescer. Ficou doida de alegria mais o ficou ainda quando, passados tempos, deu por falta do lobinho e se encontrou sem o sexto dedo. Tinha cumprido a promessa, Deus fizera-lhe a vontade.

E Luisa ficou, dali em diante, sendo a menina mais bem educada que se possa imaginar. Nunca se esqueceu do terrível lobinho e das outras fealdades que tanto a tinham afligido e que ela considerava castigos de Deus.

A verdade, verdadinha pura, digo-a eu agora aos meus queridos meninos: a tal senhora hóspeda era a causa de tudo e tudo tinha preparado. Jurara emendar a princesa e, para isso, recorrera a um lobinho e a um dedo, postiços, a um corte de cabelo, e a estes meios se devia somente a salvação da nossa Luisa. Está claro que isto é um grande segredo que aqui fica entre nós, muito guardadinho e escondido.

CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



AVISO AOS MENINOS PREGUIÇOSOS

Desde o início do concurso que inúmeras cartas nos passam pelas mãos, pedindo informes e mais pormenores sobre ele. Quasi todas, ou mesmo todas, versam sobre determinadas condições de admissão já do conhecimento daqueles que têm lido o que, a respeito do concurso, temos escrito.

Tornamos, por conseguinte, a repetir o que anteriormente já dissemos: muitos dos meninos não leem ou não fazem caso das locais que publicamos; passa-se o tempo e depois vêm-se em apuros. E a porta de salvação é uma cartinha a perguntar coisas e loisas que tinham obrigação de saber...

Respondemos, ainda, a algumas; àquelas que nos dirigiam perguntas a propósito de certas dúvidas justificadas que nos apressámos a desfazer. E para lerem e ficarem sabendo de uma vez para sempre, tornamos, novamente, a elucidar os leitores sobre o concurso:

As figuras que formos publicando, deverão ser colleccionadas num pequeno album ou caderneta, uma em cada folha, tendo indicado juntamente a denominação do monumento e localidade onde esteja situado. Está já estabelecido que não deve ir além de vinte e cinco o número dessas figuras, das quais é necessário acertar pelo menos 75%.

As referências podem, ou não, acompanhá-las, devendo ser, no primeiro caso, coladas na página oposta àquela a que se referem.

Claro está que a caderneta é executada segundo a habilidade dos concorrentes para o que reservamos alguns prémios destinados às mais artísticas, de modo a estimular o gosto de cada um. Serão concedidos também prémios, por sorteio, entre todas as admitidas ao concurso. Brevemente, daremos a conhecer a sua relação completa.

Tão cedo não repetiremos o que deixamos dito, visto o espaço ser precioso e haver muitas coisas mais, de interesse e agrado para todos os leitores, com que preenchê-lo.

Para finalizar, avisamos que, a partir de hoje, só daremos mos resposta às cartas que se fizerem acompanhar duma estampilha de \$40 ctvs. ou dum bilhete postal estampilhado. Toda a correspondência deve ter a indicação de vir destinada ao Concurso dos Palácios e Monumentos de Portugal.

■ F I M ■

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■

O LIMPA-CHAMINÉS

POR MARIA AMELIA CARVALHO DE ALMEIDA
MENÇÃO HONROSA DO CONCURSO

Luís e Rogério Manuel são dois irmãos, muito bonitos e muito esper-
tos, que vivem com seus pais numa casa de Lisboa.
Rogérinho, — como todos lhe chamam, — conta apenas 3 anos:
Luís tem já 9 anos, e é sempre o inventor das brincadeiras perigo-
sas, nas quais envolve o irmãozinho.

Por mais que seus pais lhe digam que um irmão mais velho
deve proteger e ensinar o mais novo, a teimosia e o espírito turbu-
lento de Luís vencem sempre. Eu acho impossível que um dia possa
suceder qualquer desastre que o faça arrender tardiamente, assim como
não atende aos rogos, repreensões e castigos que lhe impõem.

Ora, entre várias travessuras, e apenas para se divertir, teve Luís a triste
idea de dizer ao Rogérinho que o limpa-chaminés que lá costumava ir a casa,
era «um papão». O pequeno assustou-se tanto, que logo que o homem batia
à porta, corria a esconder-se e só aparecia passado longo tempo, quando cal-
culava que ele já se tinha ido embora.

E de tal forma Luís meteu aquele medo ao irmão, que nem a mãe logrou
convencer o Rogérinho de que aquele homem era um homem como o paizi-
nho, que o trabalho dele é que o obrigava a andar sujo e enfarruscado, e que
era daquela maneira que ele ganhava o pão que levava aos seus filhinhos.

Rogérinho, ouvia, pedia explica-
ções, mas... logo que via o limpa-
chaminés, enchia-se de pavor, e nada
conseguiu fazê-lo aproximar do hu-
milde operário.

Sucedeu que uma vez, sua mãe precisou de sair, deixando em casa os
dois filhos, aos quais fez várias recomendações para que se comportassem
bem durante a sua curta ausência. Apenas a mãe saiu, bateram à porta. Luís
foi ver quem batia, e, quem havia de ser? O limpa-chaminés que vinha fazer
o costumado trabalho!

Rogérinho apavorado, como de costume, e com a agravante de não ter a
mãe em casa, fugiu como um doído e, como moravam no último andar do pré-
dio, viu a escada que dava para o telhado, e por ela subiu.

Luís seguiu-o, chamando-o, muito aflito, mas Rogérinho nem o ouviu, pois
nesse momento apareceu-lhe, diante, outro limpa-chaminés que, no telhado,
auxiliava o trabalho do companheiro.

Então, completamente desvairado, Rogérinho, correu pelo telhado fora,
na direcção da rua.

E enquanto Luís continuava gritando aflitivamente por socorro, horri-
sado com a morte certa que por sua culpa, esperava o irmãozinho, o limpa-
chaminés arriscando a sua vida para salvar a daquele menino que o conside-
rava «um papão» correu para ele já quasi à beira do precipício, e agarrou-o
pelo fato, trazendo-o para casa.

Ao colo daquele fingido «papão» que, contra o que Rogério esperava,
nenhum mal lhe fazia, e pelo contrário lhe sorria carinhosamente, Rogérinho
perdeu de vez o injustificado medo. As suas brancas e mimosas mãozinhas
rodeiam o negro pescoço, e os louros caracóis afagam as faces por onde cor-
reu um suor pintado de carvão...

Chorando de remorso e de alegria, Luís ajoelha e beija as calosas mãos
que tão nobre e bela acção tinham acabado de praticar.

Pela angustiada tortura que sofreu naqueles instantes, ficou Luís punido
da feia mentira e do susto que tinha pregado ao irmão, e que podia ter tido
trágicas consequências.

Acreditou que tinha sido um castigo divino por troçar de quem trabalha
humildemente, visto que todo o trabalho é digno de respeito, e prometeu a si
próprio nunca mais mentir, pois a mentira acaba sempre por prejudicar
alguém...

Prometeu e tem cumprido, pois tornou-se um menino exemplar. E Rogéri-
nho compreendeu, a-pesar de pequenino, que são sempre os pais que teem
razão no que dizem, pois só querem o bem dos seus filhinhos, e não mais
acreditou em nada que lhe dissessem, sem, primeiro, lhes perguntar se era
verdade.

Agora, Rogérinho cumprimenta sempre o limpa-chaminés, e, lembrando-se
da sua história, pergunta a sua mãe:

— «Mãezinha, ainda haverá meninos que tenham medo dos «limpa-cha-
minés?»

